

SINTAGMA E PARADIMA

Maria Lucia Mexias Simon (CiFEFiL)
mmexiassimon@yahoo.com.br

O paradigma, o modelo, significa um sistema pré-estabelecido, ou já existente. A língua é o paradigma. O sintagma é uma atualização, uma concretização do paradigma. É a utilização dos elementos que contam do paradigma.

Ex:

“A lua	clara	banha	a estrada	solitária.”.
“O luar	argênteo	ilumina	o caminho	ermo.”

As colunas verticais são os paradigmas, a frase é o sintagma, a fala, a conversa, a parole. O paradigma é como um depósito onde vamos apanhar o material de que necessitamos para falar, isto é, as palavras. O sintagma é a concretização de uma opção; Paradigma é língua, ou langue. As variações lingüísticas repousam no plano da fala; a diacronia tem a ver com o sintagma. A sincronia identifica-se com o plano da língua, enquanto resultante de relações lógicas e psicológicas, componentes do sistema.

A sintaxe e a morfologia compõem a gramática de uma língua; outro componente seria o léxico.

A atualização dos elementos da língua nas diversas situações da vida constitui o discurso (o sintagma), tendo-se como discurso tudo que admite silêncio antes e depois. A frase é a unidade do discurso, é a atualização dos elementos da língua por um determinado indivíduo, num determinado momento. É um drama, com falante, ouvinte e situação, embora a ênfase recaia num dos três elementos. A distinção entre frase e vocábulo está na entonação, no drama. Há uma seqüência:

Fonema → vocábulo → frase.

Ex: eau (francês /ô/ – água).

A extensão e a forma não importam, e sim, a entonação. Na escrita, a entonação é reproduzida, aproximadamente, pela pontuação. A frase pode se constituir de um só vocábulo. Ex: Paremos;

Sim. Fogo! Trata-se, nesses casos, de um vocábulo complexo, com enunciação relacionada ao contexto, integrada na situação. Há sempre uma binaridade (situação=contexto extralingüístico) Não é necessária a significação completa, e sim, um propósito definido A enunciação pode ser inconclusa (no caso de citações muito conhecidas). Coordena-se com a mímica, que pode substituir palavras. A farás pode se completar com contextos situacionais e lingüístico-contextuais. Cada língua tem um padrão frasal. Ex: Língua tupi – “Mel inseto eis ele árvore flores tal colhem ativo; Língua portuguesa: Os insetos colhem o mel das flores de tal árvore”. A frase escrita é muito diferente da oral, o destinatário é desconhecido, não há situação. No discurso escrito, aparece a frase complexa, uma constelação de subunidades frasais (hipotaxe, ou período subordinado).

Ex: O bom aluno estuda porque gosta e aproveita o tempo quanto for possível. – Dividir os sintagmas.

ESTILÍSTICA

O sistema é organizado para a função informativa, na base de uma representação. A frase é um produto da vida, não é pura informação. É, antes de tudo, apelo, comunhão, liberação psíquica. Sem o sistema, só haveria gritos. O estilo é a solução do problema, a forma de chegar à expressão. Preferem-se algumas locuções e criam-se novas. Há regionalismos e até extravagâncias.

SISTEMA A NÍVEL MORFO-SINTÁTICO

No ato de unificação, o falante recorre a unidades fônicas e significativas para expressar sua mensagem, e, em seguida organizá-la da maneira que sua língua exige. Ex: Latim – Canis mordet virum – permite várias combinações, o que já não acontece em português, onde a diferença entre sujeito e objeto depende da ordem das palavras na frase.

Outro ex: Frases negativas:

Português	Não sei.	Sujeito e objeto ocultos, flexão verbal marcando o sujeito.
Inglês	I don't know	Sujeito claro, verbo auxiliar de negação, flexão

		verbal não marca o sujeito.
Francês	Je ne sais pas	Sujeito e objeto claros, flexão verbal não marca o sujeito,

RESTRICÇÕES SISTÊMICAS

Cada língua escolhe seus morfemas em função das alterações com que ela opera. Ex: No português há singular e plural para os adjetivos; no inglês, o adjetivo está sempre antes do substantivo. Por vezes, a ordem dos adjetivos interfere na significação. “Temos opiniões diversas – Temos diversas opiniões” Os níveis semântico e sintático se interpenetram. “Adão comeu a maçã.” O verbo comer pede sujeito animado.

NORMA

O lingüista não faz julgamento de valor, isso compete ao gramático. Para o lingüista, tudo que ocorre na língua interessa. A lingüística não prescreve, nem proscreeve, apenas descreve. A língua está sempre em equilíbrio instável. Nenhuma língua é falada de maneira homogênea. Há variações que podem ser absorvidas pelo sistema. A língua fornece informações sobre o falante. O conjunto de regras que atende a um padrão social é a norma, a que é ensinada na escola, aos estrangeiros. É a contingência social; não pode ser regional, nem popular, nem literária. Deve assentar-se no uso falado e escrito culto. Há usos expressivos da linguagem coloquial, mas o ensino da norma culta tem uma função social.

Há interdependência entre a passiva e a reflexiva. (Abriu-se a porta – A porta foi aberta – Abriram a porta). Daí ocorrem formas como – *Haviam* livros. A forma impessoal é mais aceita com verbos intransitivos. A passiva completa é evitada na linguagem usual. O mais comum, é a omissão do agente. A preposição se prende a um complemento de meio. A essência da voz passiva é o realce do processo ativo em detrimento do agente que é esporadicamente incluído no predicado – “o que se aproxima de um verbo passivo é um verbo ativo usado impessoalmente.” (Trombetti).

As línguas possuem dois níveis de estrutura; Sua fonologia e sua sintaxe. A defasagem entre esses dois níveis é preenchida pela

morfologia (flexão). A diferença entre uma categoria gramatical e uma agramatical é que, nessa não se respeitam as regras do sistema. Há uma conexão entre a gramaticalidade das sentenças e a significação dos enunciados reais ou potenciais. Ex: “Levantamos tarde essa manhã.” A mudança de ordem traz leve mudança de significado. Nas sentenças há relações de constituição – sintagmas. As palavras são constituintes de sintagmas e esses de sentenças.

Há relações de:

- dependência: regência, valência, transitividade e intransitividade;

- concordância

Essas relações compõem a gramaticalidade da sentença.

QUESTÕES

1. Toda sentença declarativa corresponde a uma sentença interrogativa – certo ou errado.
- 2 Exemplifique a ambigüidade sintática.
- 3 “Todas as dez lindas casas de pedra são antigas.” Há regras de produção? Quantos outros sintagmas podem ser montados? A frase pode ser ampliada? Que papel teria a entonação par a significação?
- 4 “Ele ganhou vinte cruzados pela remoção do lixo acumulado durante uma semana”. Que modificações introduz no sintagma a introdução da palavra só em diversas posições?
- 5 Ensinar uma língua é habilitar o indivíduo ao domínio mais perfeito possível das normas gramaticais – Certo ou errado?
- 6 “O estudo da língua é uma ciência de interesse exclusivo, sem qualquer vinculação com outras ciências do homem.” Certo ou errado?
- 7 Se você fosse incumbido de elaborar uma gramática da Língua Portuguesa, qual seria sua preocupação fundamental?

BIBLIOGRAFIA

FARACO, Carlos Alberto e TEZZA, Cristóvão. *Prática de texto*. Petrópolis: Vozes, 1992.

HALLIDAY, M. A. K. *et alii*. *As ciências lingüísticas e o ensino da língua*. Petrópolis: Vozes, 1984.

SOUZA, Luiz Marques de e WALDECK, Sérgio e. *Compreensão e produção de textos*. Rio de Janeiro: Libro, 1992.

SOUZA, Luiz Marques de e WALDECK, Sérgio. *Roteiros de comunicação e expressão*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1984.